Introdução

Agregando ao diálogo produzido, discutimos o vídeo de Souza (2020) que torna entendível as desigualdades circunscritas nos territórios favelados, que também fazem parte de uma das tantas vivências que contextualizam este diálogo produzido.

Um dos principais incentivos que podemos promover na área da educação é promovendo valores que possam incentivar a democracia dentro do ambiente escolar, promovendo assim o respeito às diversidades e a  garantia do direito à aprendizagem.

O discurso inicial deste trabalho é posto a partir das políticas das infâncias, onde o retorno a importante análise feita por Sarmento(1997), após o alcance das agendas de direitos das infâncias. Destacando o trecho sobre; os fatores da homogeneidade e heterogeneidade, o autor reconhece.

A variação das condições sociais em que vivem as crianças são o principal factor de heterogeneidade. Para além das diferenças individuais, as crianças distribuem-se na estrutura social segundo a classe social, a etnia a que pertencem, o género e a cultura (Pág 7).

O destaque apresentado nos informa de algo que nos foi debruçado também à análise dentro o Cap-Uerj, observando uma característica visível de pluralidade das infâncias, onde reconhecemos cargas de divisão socioeconômicas e culturais na instituição, em consequência da procura de vagas no colégio e de produção de conhecimento fornecida por esses espaço.

Um ponto intrigante de troca das autoras, é realidade de enfrentamento que  discurso de Souza,A.R.(2020), podemos ver em toda a sua produção que o papel de homogeneização é falho, em categorizar as infâncias dentro do espaço e territorial das favelas; pontos que são de comum discussão como a vivência em território conflagrado, e outros que só podem ser possíveis observar dentro das próprias realidades; entendo que o Rio de Janeiro tem um diferencial de localização geográfica das comunidades e centros urbanos em trocas constantes entre si, na propagação de violências de ambos os lados, a partir da exclusão social desses indivíduos no espaço da cidade e dos estereótipos de pré concepções para quem se encontra nos espaços marginalizados de disputa territorial. Outro importante apontamento que destaco nesta produção é a leitura de mundo da criança da favela, pelo viés da ludicidade, onde podemos reverberar também o papel da literatura nesta como ressonância de sentido dessa construção narrativa emanada pelas crianças deste território.

 Colégio de Aplicação da Uerj é considerado pela comunidade como uma referência na área de educação, promovendo a inclusão, e a diversidade em todos os seus processos de construção de aprendizagem, ao longo dos anos , a instituição vêm conquistando um espaço casa vez mais abrangente e inclusivo para receber os seus alunos.

Entendemos que, ao discutir a implantação deste programa, torna-se necessário entender que o conceito de escola de educação em tempo integral vai muito além de uma simples proposta de ampliação do tempo que os alunos permanecem nas escolas, pois pensar em educação em tempo integral significa repensar as propostas curriculares, repensar a formação de professores e mais uma série de compromissos em prol de uma educação disposta a romper com formas engessadas de se ver o mundo na modernidade, que se alicerça na tessitura do conhecimento-emancipação (SANTOS, 2006).

A instituição precisa promover no seu dia a dia um ambiente acolhedor, enriquecendo o cotidiano de cada aluno uma variedade de propostas pedagógicas em seu currículo .

É pensando nisso que Gonçalves (2006, p. 8) ressalta que: Abordar a educação integral e o desenvolvimento de uma escola em tempo integral implica um compromisso com a educação pública que extrapole interesses políticos partidários imediatos; que se engaje politicamente numa perspectiva de desenvolvimento de uma escola pública que cumpra com sua função social, qual seja, a de socializar as novas gerações, permitindo-lhes o acesso aos conhecimentos historicamente acumulados, contextualizando-os e contribuindo na ampliação do capital simbólico existente, propiciando às crianças e jovens conhecer o mundo em que vivem e compreender as suas contradições, o que lhes possibilitará a sua apropriação e transformação.

A forma como vamos atuando com os profissionais da escola, com os alunos, com o conhecimento, produz constante movimento de ir-e-vir, que ora configura-se como saber e ora como ainda não saber, necessitando ser tecido outro saber, num ininterrupto movimento dialógico e dialético entre saber e ignorância (SANTOS, 2007).

Cada aluno traz a sua vivência para a sala de aula, pois nesses espaços, podemos observar as várias infâncias que temos o prazer em observar, cada aluno possui uma diversidade de vivências e que essa troca se faz necessária dentro do ambiente escolar. Essa troca de experiências é muito enriquecedora.

A infância é historicamente construída, a partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade. [...] Fazem parte do processo as variações demográficas, as relações econômicas e os seus impactos diferenciados nos diferentes grupos etários e as políticas públicas, tanto quanto os dispositivos simbólicos, as práticas sociais e os estilos de vida de crianças e de adultos (Sarmento, 2005,p.365-366)

A infância é um país Independente de tudo. É um país em que há reis. Por que ir para o exílio? Por que não envelhecer e amadurecer nesse país?... para que se habituar aquilo em que os outros acreditam? Isso por ventura tem mais verdade do que aquilo em que se crê com a primeira e forte confiança infantil: [...]; tudo era como se soubéssemos muito mais sobre isso do que as pessoas grandes. Parecia que a gente podia ficar feliz e grande com cada coisa, mas também que podia morrer em cada coisa... (Rilke,2007,p.125).

As crianças são vistas como inferiores, como pessoas que um dia virá a ser, mas precisamos entender que elas já existem e estão inseridas e podem ser muito participativas na elaboração de todo um cotidiano escolar.

As contribuições do Professor Manuel Jacinto Sarmento, para o campo da sociologia da infância, destacam que a infância tem sido construída ao longo dos séculos, a partir daí de exclusão das crianças da sociedade como um todo, incluindo o ambiente familiar o trabalho e a participação da vida em sociedade ao lado dos adultos. Assim as crianças se mantiveram apartadas do mundo dos adultos e, em alguns casos havia até mesmo sua separação das atividades destinadas exclusivamente aos adultos. Isto ocasionou, no dizer do Sarmento (2000), ao seu “confinamento” em espaços controlados por adultos e ao entendimento de que seriam privadas de seus direitos políticos

Sarmento considera que as crianças devem ser estudadas a partir de seu próprio campo e não apenas sobre uma perspectiva adultocêntrica. Ele sinaliza que os anos de 1990 inauguraram um grande incremento na ideia da infância como uma categoria socsocial. Apartir daí inicia-se a análise da Infância em si mesma. Antes, porém, ela era observada apenas como uma geração a qual os adultos tinham incumbência de transmitir seus saberes. Atualmente interessa pesquisar a realidade social na qual as crianças se iinserem. Desta forma, as crianças se tornaram gradativamente, alvo de estudos, sobretudo por se considerar a infância acumulada indicadores de exclusão e sofrimento.

Sarmento (2005) entende que a categoria social sublinha a dependência estabelecida pela condição de subalternidade da Infância em relação aos adultos. o poder legítimado dos adultos subalterniza a criança por sua condição etária, estabelecendo a diferença e a desigualdade.

Sarmento (2005) defende que a infância deve ser vista como uma fase autônoma e única da vida, com suas próprias necessidade, desejos e potencialidades.

**Referências:**

Pinto, M. ; Sarmento, M.J. (1997). As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo.(Pág 7)Pdf. <https://pactuando.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/08/sarmento-manuel-10.pdf>

Souza, A.R. O brincar na favela da maré: jogo de vida e resistência em território conflagrado. Ano 2020.Pesquisa Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/30/teses/882110.pdf>.

 Souza, A.R. Vídeo-aula: O brincar na favela da maré: jogo de vida e resistência em território conflagrado Disponível em: Ano de pub

ALVES, N., et al. Criar currículo no cotidiano. 2. ed. São Paulo: Cortez,

2004.

CAVALIERE, A. M. V. Educação integral: uma nova identidade para a escola

brasileira. Educação e Sociedade, v. 23, n. 81, p. 247-270, dez. 2002.

COELHO, L. M. C. da C. Escola pública de horário integral: um tempo (fun-

damental) para o ensino fundamental, 2001. Disponível em: <http://

[www.educacaoonline.pro.br/escola\_publica.asp?f\_id\_artigo=145](http://www.educacaoonline.pro.br/escola_publica.asp?f_id_artigo=145)>. Acesso em:

08 mar. 2007.

CORSARO, Willian. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz de conta” das crianças. Revista Educação, Sociedade e Culturas. Porto, v.17, n.17, p.113-134, 1997.

BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. Editora 34. São Paulo, 2002.